

Aspectos sociológicos da profissionalização do futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930

Marcus Vinícius Costa Lage*

Regina de Paula Medeiros*

Resumo: O futebol profissional se constituiu em categoria regulamentada nos principais centros urbanos brasileiros em 1933, ano que alguns clubes se organizaram para fundar novas entidades privadas de gestão da referida modalidade esportiva. Seguindo as orientações da FIFA, as recém-criadas Associações, Ligas e Federações definiam em seus Estatutos dois níveis de competições e de clubes, a saber: a 1ª Divisão, ou Divisão Profissional; e a 2ª Divisão, ou Divisão Amadora. O marco oficial da regulamentação do futebol profissional acima exposto não pode, contudo, ser compreendido como momento que a profissão de jogador se originou. Entendemos a categoria sociológica “profissão” como uma função social especializada que é ofertada frente uma demanda existente. Nesse sentido, a gênese da profissão de jogador de futebol se insere no conjunto de transformações do significado social da prática e do consumo dessa modalidade esportiva, caracterizando-a como uma indústria do espetáculo esportivo e como via de ascensão social para praticantes das camadas menos favorecidas da sociedade. A investigação da conformação do jogador de futebol profissional em Belo Horizonte tem sido objeto de pesquisa empírica do Mestrado em Ciências Sociais, cujos resultados preliminares trazemos para o presente Seminário. A partir da análise documental de periódicos e de memórias de atores sociais daquele contexto, concluímos que durante a década de 1920 a Liga local e os principais clubes belo-horizontinos inseriram o futebol nas engrenagens do sistema capitalista através da oferta de disputas futebolísticas. Frente à crescente demanda social caracterizada pela conformação da identidade clubística, os dirigentes esportivos alcançavam prestígio social e conquistas políticas. Para aprimorar o jogo de futebol, passou-se a se exigir cada vez mais dos jogadores, produtores do espetáculo esportivo em questão. Por isso, antes mesmo da regulamentação profissional, constatamos a existência de jogadores especializados, mesmo que de forma incipiente, no campo futebolístico, sendo pagos extraoficialmente para praticarem o futebol, já que a Liga reconhecia apenas o amadorismo esportivo. A criação da Divisão Profissional em 1933 rompeu com a indefinição do *status* do jogador daquele contexto, que era inscrito como amador e atuava como profissional, garantindo-lhe direitos básicos. Entretanto, as fontes apresentam o fato como uma iniciativa dos dirigentes esportivos e não como conquista dos “trabalhadores da bola”.

Palavras-chave: Profissão; Amador; Jogador de Futebol.

Introdução

O termo “futebol profissional”, ou “profissionalização do futebol”, deve ser compreendido a partir de dois significados distintos: como sinônimo de remuneração ou de gratificação dos atletas realizada pelos adeptos, associados e dirigentes dos clubes de futebol; e como um conjunto de

* Mestrando em Ciências Sociais pela PUC-Minas, Bolsista FAPEMIG

* Doutora em Antropologia Social e Cultural pela Universitat Rovira i Virgili. Professora Adjunto III da PUC-Minas, do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e do Departamento de Relações Internacionais

funções sociais especializadas na sociedade frente a uma demanda existente (ELIAS, 2001). O jogador de futebol profissional se opunha ao amador que, como revela a própria palavra, praticava o referido esporte por prazer ou lazer, por “amor”. A origem da prática esportiva profissional se relaciona à ressignificação de suas funções sociais que, por um lado, originou a indústria privada ou pública do espetáculo esportivo, e, por outro, possibilitou ao esportista oriundo das classes dominadas o desenvolvimento de uma carreira profissional através do esporte como via de ascensão social (BOURDIEU, 1983).

Sustentado pelo referencial teórico em questão, o presente artigo discute o processo histórico de ressignificação da prática e do consumo do futebol em Belo Horizonte, conformando o jogador profissional na cidade. Para tanto, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa de pesquisa, utilizando da análise documental de periódicos que circularam na capital mineira nas décadas de 1920 e 1930, bem como de acervos históricos diversos, e através da análise de discurso de entrevistas abertas e em profundidade desenvolvidas com atores sociais do “campo futebolístico” daquele contexto. Os resultados aqui apontados correspondem àqueles encontrados no âmbito da pesquisa empírica do Mestrado em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Minas.

A gênese da profissão de jogador de futebol em belo horizonte

A prática esportiva em Belo Horizonte, incluindo nesse rol a modalidade do futebol, assim como em boa parte dos centros urbanos brasileiros dos anos finais do século XIX e princípios do século XX, se caracterizou como uma iniciativa predominantemente da elite econômica. Os pioneiros clubes destinados a prática futebolística da recém inaugurada capital mineira são reveladores nesse sentido, uma vez que foram fundados e eram compostos por atores sociais altamente prestigiados pela sociedade local (RIBEIRO, 2007), como o caso do *Athletico Mineiro Football Club*¹ fundado em 1908 por comerciantes, estudantes e, sobretudo, funcionários públicos da cidade (Galodigital, 2010); e do *America Football Club*², fundado em 1912 por um grupo de estudantes, filhos de empresários e funcionários públicos de destaque da cidade, dentre eles um filho e um sobrinho do então Presidente do Estado de Minas Gerais, Júlio Bueno Brandão (MHAB, 1916). O futebol, nesse contexto, era tido como um “estilo de vida” moderno, higienista e, sobretudo, demarcador de “distinção social” dos grupos que o praticavam e também por aqueles que o assistiam.

Entretanto, ainda em meados da década de 1910, o futebol belo-horizontino se popularizou para além das camadas ricas e privilegiadas da cidade, processo que contribuiu para transformar o significado social da prática e do consumo desse esporte, suplantando os componentes de “distinção social” que definiam a economia simbólica desse campo, dando lugar ao impulso e aos interesses econômicos na organização desportiva. Inicialmente, a diversidade socioeconômica se fez notar entre o público que acompanhava as partidas de futebol, o que pode ser concebido também como a conformação de uma demanda social em relação ao jogo de futebol.

Em 1911, por exemplo, Souza Neto (2010) apresenta que a partida disputada entre *Yale Athletic Club* e *Morro Velho Athletic Club*⁴ teve grande apelo público, contando com a participação da elite da cidade na arquibancada e de “populares” que ficaram “fora do recinto” (p. 32-33). Tal disputa é registrada como tendo sido a que “[...] [cobrou] ingressos pela primeira vez” (MHAB, 1911) em Belo Horizonte, prática essa entendida aqui através de duas perspectivas: como responsável por selecionar o público a partir do poder aquisitivo, uma vez que a elite acompanhava a partida dentro do *Prado Mineiro*⁵ e os “populares” ficavam do lado de fora; e, ao mesmo tempo, possibilitando que o jogo de futebol se constituísse em um produto comercializável, gerando receitas para os clubes e entidades que o promoviam.

A partir de 1914, nota-se a intensificação do público presente nos jogos de futebol, consequência da promoção do primeiro campeonato de futebol de Belo Horizonte, denominado por *Taça Bueno Brandão*, disputado e organizado pelos clubes *America*, *Athletico* e *Yale*. Como apresenta Souza Neto (2010), a competição introduziu, mesmo que de forma incipiente, “[...] o sentimento de afeição pelos times” (p. 40), noção esta que aqui será tratada pelo conceito de “pertencimento clubístico”. A *Taça Bueno Brandão* também contribuiu para que fosse formada a *Liga Mineira de Sports Athleticos* (LMSA), entidade que institucionalizou a partir do ano de sua fundação, em 1915, uma temporada futebolística em Belo Horizonte (RIBEIRO, 2007).

Com a criação de uma entidade gestora do futebol local, ficou instituído o campeonato de futebol anualmente na cidade. O campeonato de 1915 merece ser ressaltado, pois, durante o seu desenvolvimento pela primeira vez os periódicos se referiram aos espectadores pelo termo “torcedor” que, diferentemente da ideia de “assistência” com que eram tratados o público até então, trazia a noção de “pertencimento clubístico”. No ano seguinte, o *America* iniciou a sequência histórica de dez conquistas consecutivas (até 1925) em competições de futebol promovidas na cidade, o que lhe rendeu a alcunha de “Deca campeão”. Originava-se, assim, a principal “rivalidade clubística” da década de 1910 na capital mineira, correspondente àquela entre *americanos* e *athleticanos*, o que, para autores como Couto (2003), Ribeiro (2007) e Souza Neto (2010), contribuiu para uma maior penetração social do jogo de futebol na cidade. Além disso, a

competitividade dos clubes de futebol, fomentada pela noção de “pertencimento clubístico”, possibilitou a conformação do jogo de futebol como um produto comercializável, como fica evidenciado no investimento que alguns estabelecimentos comerciais, empresas e os próprios clubes de futebol de Belo Horizonte fizeram em relação à oferta de competições futebolísticas nesse mesmo contexto histórico.

Em 1917, por exemplo, a distribuidora comercial “patrocinou” a competição *Taça Casa Veado Municipadora*, disputada por *America, Athletico, Yale e União* da cidade de Queluz⁶ (PAIVA, 2012b), tendo ofertado aos clubes convidados uma taça de 4 prata avaliada em 500\$000 (quinhentos mil réis), o que equivalia a aproximadamente seis meses de salário de um mestre carpinteiro ou mestre de obras (COSTA, 2013). Assim, a *Casa Veado* reunia os três principais clubes de futebol da cidade atraindo para o *Prado Mineiro* diversos torcedores daquelas agremiações, atrelando sua marca às competições futebolísticas em crescente popularização, assim como o fizeram vários outros estabelecimentos comerciais da cidade. Sem antes, contudo, investir meio conto de réis (500\$000) na taça de premiação da competição, o que indica que os dividendos alcançados com a propaganda no “campo futebolístico” eram vantajosos desde 1917.

Tais iniciativas só eram possíveis frente ao crescente interesse público pelo futebol. No ano de 1921, a fundação da *Societá Sportiva Palestra Itália* contribuiu sensivelmente na popularização do futebol, uma vez que vinculou a colônia italiana belo-horizontina a uma agremiação esportiva específica. “Os imigrantes italianos, notadamente os comerciantes, não só apoiavam financeiramente o clube, como enxergavam nele uma oportunidade de reconhecimento social.” (SOUZA NETO, 2010, p. 49) Por isso, logo em seu primeiro ano de existência, o *Palestra Itália* possuía todas as exigências que a Liga fazia para participar do campeonato da Primeira Divisão. No segundo ano em que disputou o campeonato de futebol da cidade, o *Palestra Itália*⁷ terminou como vice-campeão. Repetiu o feito por mais dois anos consecutivos, em 1923 e 1924, se afirmando como um dos principais clubes de futebol de Belo Horizonte junto com *America* e *Athletico*.

A fundação do *Palestra Itália* coincidiu com o lançamento do projeto de construção do *Stadium* do *America* que ficou exposto nas vitrines da loja *Parc Royal* (PAIVA, 2012b), em outro exemplo clássico da vinculação do nome de um estabelecimento comercial ao “campo futebolístico”. A inauguração oficial desse primeiro espaço destinado exclusivamente à produção e comercialização de espetáculos futebolísticos em Belo Horizonte foi realizada em 1922, mesmo ano que o *Palestra Itália* inaugurou seu *Stadium* construído por meio da contribuição financeira de associados, dirigentes e jogadores (MHAB, 1986). Em 1929, foi a vez do *Athletico* edificar sua própria praça de esportes, que, assim como o campo *americano*, contou com o apoio financeiro do Governo do

Estado (ESTÁDIO..., 2012). E ainda em 1929, o *America* inaugurou um novo Estádio, uma vez que seu anterior foi desapropriado pela Prefeitura de Belo Horizonte para a construção do *Mercado Central* (HALFELD, 1928).

Todos os quatro Estádios supracitados foram inaugurados com a realização de amistosos interestaduais contra equipes cariocas, o que reforçava o prestígio das equipes belo-horizontinas que o promoviam e, ao mesmo tempo, constituíam oportunidades para os clubes aumentarem suas receitas decorrentes da venda de ingressos, ofertando disputas futebolísticas de interesse para os adeptos do futebol (LAGE; MEDEIROS, 2012)⁸. Em princípios da década de 1930, as fontes consultadas explicitavam que os amistosos se constituíam em fonte de renda para os clubes brasileiros, constatando a existência de uma indústria do espetáculo esportivo no futebol nacional. Em 1932 *O Chronista* anunciava a vinda do *São Paulo Futebol Clube* a Belo Horizonte para realizar um amistoso com o *Athletico*, evidenciando que os clubes belo-horizontinos pagavam outras agremiações esportivas com o objetivo de promover destacados espetáculos esportivos (*O Chronista*, 1932, 1).

Amistosos entre as principais equipes da cidade também eram utilizados como forma de produzir novos espetáculos esportivos. Em 1931, o *Estado de Minas* criticava da seguinte maneira a postura de *America* e *Athletico* de se enfrentarem amistosamente durante as férias desportivas da Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT)¹⁰: “Extranhemos também que os clubs, numa prova de pouco zelo pela saúde de seus amadores, insistam em promover jogos, visando unicamente o accrescimento de suas rendas.” (*Estado de Minas*, 1931: 6) O periódico em questão explicitava que a partida entre *americanos* e *athleticanos* cumpria o propósito único de ter suas rendas acrescidas, não importando se a época para se praticar futebol fosse ou não adequada, demonstrando que as questões de distinção social haviam sido suplantadas, ao menos em parte, pela dimensão comercial do esporte.

Se maiores estádios e jogos contra equipes de destaque no cenário futebolístico nacional possibilitavam uma maior arrecadação de bilheteria, times mais competitivos, compostos por atletas mais preparados, viabilizavam vitórias e títulos, contribuindo para aumentar o fenômeno das torcidas e, conseqüentemente, as rendas dos jogos de futebol. Nesse sentido, a partir de meados da década de 1920, os clubes belo-horizontinos começaram a organizar suas equipes através da cooptação de atletas, oferecendo gratificações materiais, financeiras, empregos, financiamento de estudos e demais compensações que faziam com que os atletas de destacada qualidade técnica deixassem seus clubes de origem para defenderem outra agremiação. Em contrapartida, os jogadores pediam desligamento do clube que até então defendiam apresentando nova ficha de inscrição de sócio de outro clube.

Todo esse procedimento era realizado, uma vez que o estatuto da LMDT proibia as gratificações financeiras e materiais concedidas aos jogadores. E ainda, que os mesmos deveriam ter empregos que tivessem “[...] nível moral exigido pelo amadorismo” (RIBEIRO, 2007: 86), segundo os critérios de seu Conselho Superior. Os desempregados deveriam ser estudantes ou comprovar que não dependiam do futebol para sobreviverem.

A referida prática dos clubes de futebol de inscreverem atletas na condição de amadores, cumprindo as prerrogativas regulamentares das Ligas, contudo remunerando-os ou compensando-os material ou financeiramente para que os mesmos praticassem as atividades futebolísticas ficou conhecida pela expressão “amadorismo marrom”. Inicialmente utilizada para se referir ao universo futebolístico carioca e paulista, o “amadorismo marrom” ou mesmo “profissionalismo marrom” se tornou expressão típica para designar a indefinição da condição dos jogadores de futebol na década de 1920, que, se não eram contratados pelos clubes, tampouco praticavam a referida modalidade esportiva como um atleta amador dos primeiros anos de difusão e consolidação do “campo futebolístico”.

No âmbito da pesquisa empreendida, encontramos uma série de casos que comprovam a prática do “amadorismo marrom” ou do “profissionalismo marrom” por clubes belo-horizontinos a partir de 1925. Um dos casos mais paradigmáticos e que possibilita discutir vários aspectos da transformação do significado social da prática do futebol nesse contexto diz respeito ao jogador Cardosinho. Segundo o relato biográfico de Cardoso (2009) a respeito de seu avô, o Cardosinho, podemos indicar que, no contexto em questão, os principais clubes belo-horizontinos passaram a realizar amistosos contra clubes do interior do Estado de Minas Gerais com o objetivo de recrutar novos jogadores com destacada qualidade técnica para a montagem de equipes mais competitivas. E ainda, que alguns jogadores de futebol, de famílias menos abastadas, passaram a ver no universo do futebol uma possibilidade de ascensão social. Vários trechos se destacam no texto de Cardoso (2009), sobretudo aqueles referentes ao contato do jogador com o presidente do *Athletico*, do emprego que conseguiu na Prefeitura de Belo Horizonte e das “ajudas” que recebeu para terminar os estudos. Pela importância que julgamos ter na presente análise, reproduzimo-nos aqui:

[...] Cardozinho (*sic*) se destacou justamente quando entrou em campo contra o Galo em 1925 marcando o único gol da equipe de Juiz de Fora [*Sport Club Juiz de Fora*] que perdeu por 3x1. [...] O presidente entrou em campo para falar com ele, trajando uma imensa cartola em sua cabeça e vestindo Fraque, traje típico da elite na época. [...]

Como em 1926, ainda (*sic*) não existia ainda (*sic*) o profissionalismo, eles [dirigentes do *Athletico*] arrumaram um emprego para ele [Cardosinho] na prefeitura municipal de Belo Horizonte [...] Depois que ele se formou no Colégio Arnaldo, ele passou a residir numa pensão, perto do Colégio Arnaldo (*sic*) paga pelo Clube Atlético Mineiro, que

além de sua alimentação, ainda o ajudava na aquisição de livros. [...]

[...] Anos depois ele entrou para a UFMG [à época UMG] para estudar Engenharia Civil (*sic*) antes do final da década de 20, se formando em Engenharia Civil (*sic*) em 1932. Deixou o time do Atlético Mineiro em 1929 porque o futebol estava atrapalhando seus estudos de engenharia. Depois de formado construiu vários estádios em pequenas cidades mineiras. [...] Participou da construção do grande Hotel de Araxá. (CARDOSO, 2009)

O texto biográfico de Cardosinho revela que o mesmo foi convidado a jogar pelo *Athletico* em 1925 em função de seu desempenho destacado durante partida amistosa contra o clube belo-horizontino, uma vez que marcou “o único gol da equipe de Juiz de Fora”, evidenciando assim, que a equipe *athleticana* daquele contexto não era composta apenas por jogadores com “identificação clubística”, mas também por aqueles cujas qualidades técnicas pudessem garantir-lhe resultados positivos em campo. Jogando futebol em alto nível, ao lado de um dos trios atacantes mais famosos da história do *Athletico* formado por Mário de Castro, Jairo e Said, Cardosinho comprovava a possibilidade de se ascender socialmente em meados de 1920, uma vez que o esporte lhe rendeu um emprego na repartição pública, além de auxílio financeiro para concluir seus estudos, tornando-se engenheiro civil renomado, a ponto de participar da construção do Grande Hotel de Araxá, uma das estâncias minerais mais famosas do país. Tudo isso graças às influências políticas dos dirigentes *athleticanos*, membros da elite da época, que vestiam “fraques, cartolas” e eram capazes de empregar atletas na Prefeitura de Belo Horizonte. A história de Cardosinho reitera também a mudança de percepção social acerca do jogador de futebol que vinha se processando. Diante da possibilidade de escolher entre a carreira futebolística e a acadêmica, Cardosinho “Deixou o time do Atlético Mineiro em 1929 porque o futebol estava atrapalhando seus estudos de engenharia.” (CARDOSO, 2009) Além de Cardosinho, o *Athetico* de 1925 arregimentou ainda Carlos Brant junto ao clube suburbano de Belo Horizonte *Sete de Setembro Futebol Clube* ao custo de uma bola da marca *Olympic* (SILVEIRA, 2006). O investimento rendeu aos *athleticanos* o bicampeonato de futebol da LMDT entre 1926 e 1927, terminando com a hegemonia do *America* no futebol local.

O tricampeonato do *Palestra Itália* entre 1928 e 1930 também pode ser interpretado sob a luz dos investimentos do clube ítalo-brasileiro na composição de sua equipe. Durante esse período, os *palestrinos* conseguiram arrecadar avultosas quantias de bilheteria dos jogos, uma vez que obtiveram a média de público de cinco mil espectadores (SILVEIRA, 2006), em uma época que a cidade contava com cerca de 60 mil habitantes (IBGE, 2007). Tanto o tricampeonato, quanto o alto público pagante nos jogos do *Palestra Itália* só foram possíveis através da reforma empreendida em seu estatuto que, a partir de 1927, permitia jogadores não italianos em seus times. No referido ano, os dirigentes *palestrinos* inscreveram na LMDT seis jogadores que atuavam pelo *Palestra Itália* de

São Paulo, são eles: Morganti, Morgantinho, Carazzo, Osti, Arnaldo e Gutierrez. Destes, o único não descendente de italianos era Carazzo, espanhol radicado no Brasil que, mesmo assim, era ex-jogador do clube ítalo-brasileiro paulista.

Segundo Silveira (2006), Morganti, Morgantinho, Carazzo e Osti foram empregados na indústria e comércio dos associados do *Palestra Itália*, cumprindo assim a exigência da LMDT para a prática amadora do futebol como anteriormente apresentado. Uma matéria do *Estado de Minas* de 1931 ilustra o fato de que os estabelecimentos comerciais da colônia italiana admitiam os atletas *palestrinos* como empregados e também evidencia que os “operários-jogadores” (CALDAS, 1990) inscritos pelo clube ítalo-brasileiro exerciam atividades mais leves para se dedicar com mais vigor aos jogos, possibilitando que os mesmos se especializassem na prática do futebolística, apontando para a existência de um profissionalismo esportivo não regulamentado na cidade. Às vésperas do confronto *Palestra Itália versus Athletico*, o periódico em questão apresentava que “[...] Carazzo, o inteligente e habil 'mestre' da pelota, foi surpreendido quando desempenhava a sua profissão na fabrica de moveis da firma Irmãos Gardini, á rua Curityba.” (CARAZZO, 1931:6) A nota era sucedida de uma entrevista do jogador que dava suas impressões sobre o jogo. A “fábrica de móveis Irmãos Gardini” demonstra a ascendência ítalo-brasileira dos empregadores de Carazzo que lhe permitiam não apenas jogar futebol pelo *Palestra Itália*, como também realizar treinos e até mesmo conceder entrevistas ao jornal em pleno expediente de trabalho, o que demonstra a situação de privilégio que um “operário-jogador” tinha em Belo Horizonte.

Outra estratégia adotada no sentido de garantir a especialização da função social de jogador de futebol pode ser constatada através da instituição do “regime de concentração” dias antes das partidas por parte de alguns clubes da cidade. O *America*, por exemplo, construiu alojamentos “[...] Embaixo da escada [arquibancada do estádio] [...]” (PAIVA, 2012a), local estratégico para que os dirigentes fiscalizassem a rotina dos jogadores. Além de controlar de perto o dia a dia dos mesmos, impondo-lhes uma rotina compatível com os treinos e os jogos cada vez mais exigentes, o clube garantia a hospedagem de seus atletas arregimentados no interior do Estado e em outras cidades do país.

Essa política de arregimentar futebolistas no interior de Minas Gerais, por sua vez, originava um “mercado de atletas” ativo e explícito, mesmo diante das proibições ao profissionalismo expressas no estatuto da Liga local. Em princípios de 1931, por exemplo, o jornal *Estado de Minas* anunciava a inscrição de Bitola pelo *America* e a de Nariz pelo *Athletico* através da expressão “aquisição”, própria do universo comercial, como constata-se nos trechos que se seguem: “Bitola, como é conhecido na cidade de Sete Lagôas, é um optimo meia-direita [...] Parabens ao America,

pela aquisição de Bitola”. (BITOLA..., 1931, p. 6) “Uma optima aquisição acaba de fazer o Club Athletico Mineiro. Trata-se do promissor zagueiro Alvaro Cançado (Nariz), nome sobejamente conhecido dos arraiaes sportivos de Juiz de Fóra. [...]” (NARIZ..., 1931: 6).

O termo “aquisição” empregado aqui pelo *Estado de Minas* corrobora a análise empreendida para o caso de Cardosinho, uma vez que revelava que os clubes belo-horizontinos viam as agremiações futebolísticas do interior do Estado, Juiz de Fora e Sete Lagoas, como repositórios de atletas capazes de ingressar no primeiro quadro de seus times, contribuindo para alcançar melhores resultados nas competições. Especificamente o caso de Bitola parece se aproximar da trajetória de Cardosinho. Em 1932, *O Chronista* apresentava que Bitola era um dos jogadores da seleção de futebol da Faculdade de Medicina (QUINTA-FEIRA..., 1932:1) Suas qualidades técnicas, assim como as de Nariz foram considerados aspectos relevantes para o periódico parabenizar a “aquisição” *americana* e avaliar como “optima” àquela realizada pelo *Athletico*. Nariz, por exemplo, se profissionalizaria em 1933, jogando pelo *Fluminense* do Rio de Janeiro até 1934.

Da mesma maneira que a consolidação da indústria do espetáculo esportivo belo-horizontino possibilitou que os clubes locais arregentassem atletas de equipes do interior do Estado, a saída de jogadores de futebol da cidade para os centros urbanos carioca e paulista, como o caso de Nariz, passou a ser uma constância na década de 1930. Nesse contexto, a capita federal, à época o Rio de Janeiro, se tornou o principal destino para jogadores ávidos por prestígio social, uma vez que a CBD, entidade máxima do esporte brasileiro, era gerida por clubes cariocas, possibilitando a tais atletas ficarem em evidência para a Comissão Técnica da Confederação e serem convocados para representar o Brasil em competições internacionais, o que, como apresentam Silva (2000) e Santos (2010), podia lhes render, desde o final da década de 1910, bons pagamentos. A saída dos principais atletas se intensificou, sobremaneira, após a regulamentação do futebol profissional no Rio de Janeiro, com a fundação da Liga Carioca de Futebol (LCF), e em São Paulo com a criação da Divisão Profissional na Associação Paulista de Esportes Athleticos (APEA), respectivamente em janeiro e fevereiro de 1933. Um exemplo nesse sentido pode ser encontrado na manchete do *Estado de Minas* sobre “Humberto, keeper do Athletico [que seguiu] para o Rio afim de ser experimentado no arco do ‘team’ profissional do Fluminense Foot-Ball Club.” (HUMBERTO, 1933:10).

Nesse sentido, em maio de 1933, os dirigentes esportivos belo-horizontinos acompanharam o movimento realizado pelos principais clubes de futebol carioca e paulista, e fundaram a Associação Mineira de Esportes (AME), regulamentando a Divisão de Futebol Profissional no Estado de Minas Gerais. A iniciativa pode ser compreendida como uma estratégia dos principais clubes de Belo Horizonte no sentido de aprimorar a indústria do espetáculo esportivo e não como uma preocupação

em garantir direitos sociais e trabalhistas aos jogadores de futebol, uma vez que estes já tinham uma relação profissional com os clubes desde meados da década de 1920. Tal leitura fica evidenciada pelo conteúdo do ofício encaminhado pelo presidente do *Athletico*, Thomaz Naves, à LCF solicitando que a fundação da AME permitisse aos clubes belo-horizontinos de futebol profissional “[...] [Jogarem] com cariocas e paulistas em Bello Horizonte principalmente”, “[...] [Participarem] no campeonato interestadual [...]” organizado pela Federação Brasileira de Futebol, e que os clubes cariocas “[...] [Respeitassem o] o contracto firmado com os jogadores, de modo que não seja possível a transferencia dos mesmos sem previa concordancia dos clubs contractantes.” (*Estado de Minas*, 31 maio 1933: 8)

Nota-se, para os dois primeiros pontos, a preocupação dos dirigentes esportivos belo-horizontinos de se consolidarem o futebol profissional regulamentado na cidade através de disputas amistosas ou não com equipes profissionais, de destacada qualidade técnica, viabilizando assim um calendário de futebol profissional para os clubes locais e a oferta do produto “jogo de futebol profissional” para a população. Por outro lado, tendo os contratos de seus atletas reconhecidos pelos clubes profissionais cariocas, restringia-se assim o “êxodo” dos mesmos para a então capital federal. Caso houvesse interesse em contratar os futebolistas profissionais belo-horizontinos, deveria haver uma negociação entre as partes, configurando assim, um “mercado da bola” como hoje convencionou-se chamar.

Conclusão

A partir da análise empreendida nesse artigo, constatamos que os clubes belo-horizontinos concebiam o futebol como indústria do espetáculo esportivo desde a década de 1920. Várias foram as estratégias adotadas pelos dirigentes para aprimorar e seduzir a população para “comprar” a mercadoria “jogo de futebol” e legitimar o prestígio social do clube, de seus “donos” e dos “patrocinadores”. Isso pode ser observado, por exemplo, na construção dos Estádios, na promoção de jogos amistosos intermunicipais e interestaduais, na parceria com empresas e comércios que atrelavam suas marcas ao “campo futebolístico”, etc.

É nesse contexto que se conformou a prática do “amadorismo marron” ou do “profissionalismo marron”, como corolário da transformação do significado social da prática e do consumo do futebol, que anteriormente era monopólio das elites urbanas, passando, então, a ser democratizado socialmente. O “amadorismo marron” se caracterizou como uma situação de indefinição de *status* do jogador de futebol, que era inscrito como amador junto à entidade de gestão do esporte belo-horizontino, mas que recebia determinados benefícios, tais como bolsas de estudo,

pagamento de aluguel, dentre outros. Ou para “cumprir” o regulamento amadorista, a situação era camuflada, ou seja, era comum que os empresários, comerciantes e políticos admitissem em seus negócios e até nas repartições públicas, os jogadores habilidosos e não lhes concediam tarefas que pudessem provocar desgastes físicos que os prejudicassem nas partidas.

A prática do “amadorismo marrom” conviveu com a regulamentação amadorista até que os clubes amadores começaram a perder seus principais atletas para demais clubes de futebol que os assediavam com propostas mais interessantes para se dedicarem a prática futebolística. Como forma de conter a saída dos principais atletas para outros centros urbanos, sobretudo para as agremiações cariocas e paulistas, enfraquecendo as equipes de futebol da cidade e, conseqüentemente, o prestígio social dos envolvidos no “campo futebolístico”, os dirigentes esportivos locais optaram pela criação de uma Divisão de Futebol Profissional em Belo Horizonte em maio de 1933. Podemos concluir a partir das evidências aqui apresentadas que um dos principais significados sociais atribuídos à regulamentação do futebol profissional, sobretudo por parte dos dirigentes esportivos, foi de concebê-la como estratégia para aprimorar a indústria do espetáculo esportivo.

Referências

A história de uma Nação Alvinegra. Galo Digital, 2010. Disponível em <http://www.galodigital.com.br/enciclopedia/Categoria%3AHist%C3%B3ria#A_ado.C3.A7.C3.A3o_do_nome.2C_.22Clube_Atl.C3.A9tico_Mineiro.22_-_a_conquista_do_primeiro_campeonato>. Acesso em: 14 jan. 2013.

A proxima vinda do S. Paulo a Bello Horizonte. As atenções presas pela data não determinada ainda. *O Chronista*, Belo Horizonte, n.1, ano 1, 5 jun. 1932.

BITOLA assignou o boletim pelo “Deca”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, n. 917, ano IV, 22 fev. 1931.

BOURDIEU, Pierre. Como É Possível Ser Esportivo. In.: *Questões de sociologia*. Trad. Jeni Vaitsman. – Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983, p. 136-153.

CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: IBRASA, 1990. 234 p. (Biblioteca educação física e desportos; v. 18)

CARAZZO, o extraordinario centro avante do Palestra, fala-nos sobre o jogo de hoje. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, n. 1.008, ano IV, 21 jun. 1931.

CARDOSO, Márdel. *Cardozinho, sua história se confunde com a história de Belo Horizonte e da Engenharia Civil no Brasil*. SP Galo. Paixão sem fronteiras. Grupo Atletico Organizado de São Paulo. Traga a sua família, 2009. Disponível em

<<http://spgalo.blogspot.com.br/2009/08/cardosinho-sua-historia-se-confunde.com.html>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

COSTA, Oswaldo. *Oswaldo Costa: depoimento* [fev. 2013]. Entrevistador: Marcus Vinícius Costa Lage. Belo Horizonte, 2013. (50 minutos)

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ELIAS, Norbert. Estudos sobre a gênese da profissão naval: cavalheiros e tarpaulins. *Mana*, Rio de Janeiro, vol.7, n.1, p. 89-116, abr. 2001.

Estádio Antônio Carlos. Galo Digital, 2012. Disponível em <http://www.galodigital.com.br/enciclopedia/Est%C3%A1dio_Ant%C3%B4nio_Carlos> Acesso em: 20 jan. 2013.

HALFELD, Guilherme. De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grandes cousas. Um pouco de história do “America Football Club”, de Belo Horizonte, por um americano fundador. *Museu Histórico Abílio Barreto. Abílio Barreto Produção Intelectual*. nº 7/061, caixa 26, pasta 36, 1928.

HUMBERTO, keeper do Athletico, seguirá para o Rio afim de ser experimentado no arco do “team” profissional do Fluminense Foot-Ball Club. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, n. 1.506, ano VI, 28 maio 1933.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Séries Estatísticas & Séries Históricas*. População dos municípios das capitais. Belo Horizonte. 2007. Disponível em <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CD79>>. Acesso em 12 fev. 2013.

LAGE, Marcus Vinícius Costa; MEDEIROS, Regina de Paula. A regulamentação do futebol profissional belo-horizontino: luta política e significados sociais. *PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 95-119, jan./jun. 2012.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. *Abílio Barreto Produção Intelectual. 1911-Julho-17*. nº 7/061, caixa 26, pasta 36, 1911.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. *Abílio Barreto Produção Intelectual. Em 1916 começou série de vitórias e glórias para o pavilhão alviverde*. nº 7/061, caixa 26, pasta 36, 1916.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. *Abílio Barreto Produção Intelectual. Os Desportos Antigos Na Capital I – Turf. – Prado Mineiro (2/1/1898)*. nº4/012, caixa 13, pasta 12, 1898.

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO. *Ordem dos Pioneiros. Cruzeiro Esporte Clube: uma história pra contar*. nº 3, caixa 03, pasta 05, 1986.

NARIZ ingressou e treinou no Athletico. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, n. 935, ano IV, 15 mar. 1931.

Numa partida entusiasmada e leal, o Athletico derrotou brilhantemente o America pelo elevado score de 6 x 2. Enfrentando o Athletico, o America sofreu antehontem, um dos maiores revezes de sua carreira sportiva. 6 a 2 foi o resultado final – Os que brilharam e os que fracassaram. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, n. 895, ano IV, 27 jan. 1931.

PAIVA, Carlos. Carlos Eduardo Paiva de Oliveira: depoimento [ago. 2012]. Entrevistador: Marcus Vinícius Costa Lage. Belo Horizonte, 2012a. (95 minutos) PAIVA, Carlos. *Enciclopédia do América MG*. Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão. A história do América Futebol Clube, de Belo Horizonte 1912-2012. Ed. especial do centenário. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012b. 400

OS EMISSARIOS do Athletico e do Palestra ao Rio interessar-se junto á L.C.F. para o prompto julgamento das condições expostas em officio por esses clubes, para a implantação do profissionalismo. A resposta da entidade carioca. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, n. 1.508, ano VI, 31 maio 1933.

QUINTA-FEIRA ultima na partida amistosa levada a effeito pelos universitarios de direito e medicina coube a victoria aos primeiros pelo apertado score de 2 x 1. O que foi a lucta. *O Chronista*, Belo Horizonte, n.1, ano 1, 5 jun. 1932.

RIBEIRO, Raphael Rajão. *A Bola em Meio a Ruas Alinhadas e a Uma Poeira Infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. 2010. 501 f. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Econômica, São Paulo.

SILVA, Eliazar João da. *Bola na Rede -O Futebol Em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. 2000. 303 f. Dissertação (Mestrado em História). UNESP – Assis, São Paulo.

SILVEIRA, Brenda. *Os Donos da Bola. Ou histórias e lendas do futebol em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2006. 160 p.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A Invenção Do Torcer Em Bello Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais. Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação, Belo Horizonte.

¹ Em 1913, a agremiação mudou seu nome para Clube Athletico Mineiro, grafado atualmente como Clube Atlético Mineiro e que ainda é uma das principais da cidade. ³ Atualmente a agremiação denomina-se América Futebol Clube e ainda é uma das principais da cidade

² Atualmente a agremiação denomina-se América Futebol Clube e ainda é uma das principais da cidade

³ O Yale Athletic Club, fundado em 1910 por membros da colônia italiana e por operários e empregados residentes no bairro Barro Preto, região historicamente ocupada por uma população pobre da cidade. Segundo Ribeiro (2007), o Yale foi o primeiro clube de futebol de Belo Horizonte a ser fundado fora do espaço urbano planejado para receber a elite política e econômica da cidade. Apesar disso, o clube ítalo-brasileiro não conformou outra percepção sobre a prática do futebol em Belo Horizonte, uma vez que a concebia a partir dos “[...] ideias de incremento da vida social e elegante e de desenvolvimento físico dos praticantes do esporte.” (RIBEIRO, 2007, p. 67) A referida agremiação foi extinta em princípios dos anos de 1920.

⁴ O Morro Velho Athletic Club era um clube formado exclusivamente por ingleses da Saint Jonh d’El Rey Mining Company da cidade de Nova Lima/MG. A agremiação foi extinta.

⁵ O Prado Mineiro era um espaço construído e gerido pela Sociedade Prado Mineiro para a promoção de eventos de lazer e esporte em Belo Horizonte, com destaque para as competições de turfe (MHAB, 1898).

⁶ Atual município de Conselheiro Lafaiete/MG. Segundo Ribeiro (2007), os eventos promovidos pelo Prado Mineiro caracterizaram “[...] o esporte em seu viés econômico [...]” (p. 61).

⁷ Em princípios dos anos de 1940 alterou seu nome para Cruzeiro Esporte Clube e é uma das principais agremiações esportivas da cidade ainda hoje.

⁸ A construção de Estádios de futebol e a realização de jogos amistosos interestaduais foram abordados trabalhados pelos autores em outro artigo científico (LAGE; MEDEIROS, 2012). ¹⁰ A LMDT foi fundada em 1917, substituindo a LMSA, após dissidência política entre os principais clubes de futebol da cidade.